



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LÍNGUA PORTUGUESA

JARIANGELA DE SOUZA BARBOSA

***A CASA DA MADRINHA: UMA CRÍTICA À EDUCAÇÃO NA
OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES***

CAMPINA GRANDE

2019

JARIANGELA DE SOUZA BARBOSA

***A CASA DA MADRINHA: UMA CRÍTICA À EDUCAÇÃO NA
OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES***

Trabalho de Conclusão de Curso (CEDUC)
apresentado ao Departamento de Letras e
Artes da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
graduado em Licenciatura Plena em Letras –
Língua Portuguesa.

Orientador: Profa. Dra. Rosângela Maria
Soares de Queiroz.

CAMPINA GRANDE

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B238c Barbosa, Jariangela de Souza.
A casa da Madrinha [manuscrito] : uma crítica à educação na obra de Lygia Bojunga Nunes / Jariangela de Souza Barbosa. - 2019.
26 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."
1. Leitura literária. 2. Práticas Pedagógicas. 3. Formação do leitor. I. Título

21. ed. CDD 401.41

JARIANGELA DE SOUZA BARBOSA

**A CASA DA MADRINHA: UMA CRÍTICA À EDUCAÇÃO NA
OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES**

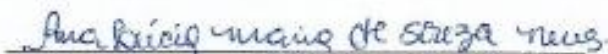
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes (CEDUC) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovada em: 19/06/2019.

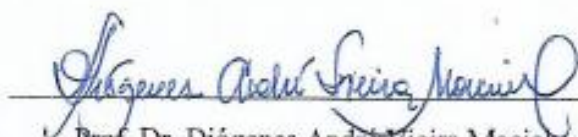
BANCA EXAMINADORA

 - 9.0

Prof. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz. (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 - 9.0

Prof. Dra. Ana Lúcia M. de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 - 9.0

Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel
Instituto Federal da Paraíba (UEPB)

“[...] ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo do fabuloso. [...] Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura,”

Antonio Candido

A CASA DA MADRINHA: UMA CRÍTICA À EDUCAÇÃO NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA NUNES

Jariangela de Souza Barbosa
UEPB

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir a importância da narrativa infanto-juvenil *A Casa da Madrinha* (1978), de Lygia Bojunga Nunes, para a formação humana das crianças e dos adolescentes. A análise, por um lado, busca demonstrar como as práticas pedagógicas dissociadas do contexto social do aluno dificultam o seu desenvolvimento emocional e intelectual, com implicações fundamentais no aspecto psicológico; por outro, procura apontar o papel relevante da literatura para esta fase do desenvolvimento humano. Logo, o ensino de literatura deve proporcionar a criticidade e a reflexão ao aluno-leitor sobre sua própria realidade interior e exterior. Dificultar e/ou restringir a leitura literária de textos ficcionais orais ou escritos, populares ou clássicos pode mutilar inapelavelmente a personalidade em formação segundo Candido. O livro de Bojunga oferece ao jovem leitor importantes indicações e sugestões para a construção da resiliência, da consciência do próprio valor, bem como para o enfrentamento positivo dos dilemas e medos interiores em um contexto adverso. Muito se tem criticado o aspecto formador da literatura, apontando-o como instrumento de controle e dominação. Todavia, não se deve esquecer que não somente do mau uso vive esta prerrogativa do texto literário. *A casa da madrinha* é uma prova disto. Para o embasamento desta discussão, foram consideradas as contribuições de Candido (2004), Cademartori (2010), Todorov (2012) e Meireles (1984).

Palavras - chave: Leitura literária. Práticas pedagógicas. Formação do leitor.

ABSTRACT

This article aims to discuss the importance of the juvenile narrative *A casa da madrinha* (1978), by Lygia Bojunga Nunes, for personality formation of children and teenagers. On one hand, the analysis seeks to highlight how pedagogical practices dissociated from the student's social context do hamper his/her emotional and intellectual development, with huge implications on the psychological aspect. On the other hand, it points out the relevant role of literature during this stage of human development. Thus, literature teaching must provide criticality and reflection to the student-reader about his/her own inner and outer reality. To difficult or restrain the literary reading of oral, written, popular or classic fictional texts can unsurprisingly mutilate the personality in process of formation. Bojunga's book offers the young reader important indications and suggestions for the building up of resilience, self-value consciousness and positive facing of inner fears and dilemmas in an adverse context. A lot of negative criticism has been dedicated to the educative aspect of literature, by pointing it as an instrument of control and domination. Nevertheless, one can't forget, nor does this predication lives by bad use alone. *A casa da madrinha* is a proof of that. As a basis for this discussion, the contributions of Candido (2004), Cademartori (2010), Todorov (2012) and Meireles (1984) regarding this theme were considered, among others.

Key words: Literary reading. Pedagogical practices. Readers leitores.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE	08
3. A CASA DA MADRINHA, UM ESPAÇO PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	10
4. ANÁLISE DA OBRA COM FOCO NO HERÓI DA NARRATIVA E NA JORNADA TRANSICIONAL ENTRE INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA	12
5. UMA CRÍTICA À EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA ANÁLISE DOS PERSONAGENS	18
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
7. REFERÊNCIAS	25

1. INTRODUÇÃO

É inquestionável a importância da literatura na sala de aula; é através dela que são discutidos conceitos de ética, educação, cidadania, direitos humanos, amor, medo, opressão, coragem, desânimo, além de discutir preconceitos arraigados na sociedade, proporciona a insatisfação do leitor, fazendo-o tomar posição diante de um sentimento, além de encorajar muitos leitores a reconhecer suas próprias misérias, bem como as suas qualidades.

É necessário que percebamos a leitura literária como mediadora do senso crítico, que transforma e liberta o homem de seu aprisionamento do egoísmo, dos apegos, das vaidades, dos medos. É através dela que a criança desenvolve a imaginação, a sabedoria, as emoções e os sentimentos, e embora os textos literários sirvam, muitas vezes, para formar personalidades pacíficas, servem também para desconstruir a passividade da criança e do adolescente, incentivando-os, tanto a expressar seus sentimentos, quanto manifestá-los em suas atitudes nas relações sociais. Desse modo, dificultar à criança o contato com os textos literários é tirá-lhe a liberdade de refletir sobre sua própria identidade.

Este artigo pretende discutir a importância da literatura para a formação humana da personalidade da criança, visto ser ela, em virtude de suas inseguranças, incertezas e medos, um leitor dependente de referências; os adolescentes, por sua vez, também, buscam referências e conhecimentos nos livros para resolver os seus anseios subjetivos e por que não, também, os objetivos?. De acordo com Cademartori (2010, p.24), “[...] a literatura surge como um meio possível de superação da dependência e da carência, por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento.” Ou seja, através da literatura, crianças e adolescentes podem entrar em contato com culturas, hábitos e costumes diferentes de seu meio social, além de encontrar o Outro que está dentro de si. Reconhecer-se nesse *Outro*, com ele identificar-se, nele projetar-se, leva-a, numa palavra, à reflexão.

Visando a refletir sobre a importância da literatura na formação da personalidade da criança e do adolescente, escolhi analisar, no presente artigo, a obra *A Casa da Madrinha* ([1978...] 2017), de Lygia Bojunga Nunes, por considerá-la pertinente à discussão ainda hoje, mais de quarenta anos após o seu lançamento.

A narrativa, em linhas gerais, retrata uma aventura que, sendo objetiva – Alexandre deseja “vencer na vida”, ter trabalho, casa, profissão e uma vida estabilizada – também se revela subjetiva, já que a jornada do protagonista em busca dessas conquistas prevê uma interiorização, uma busca por si mesmo, uma perquirição íntima da própria identidade.

Alexandre, um menino pobre, vivendo numa família disfuncional, perde a companhia do único familiar que se preocupava com ele, o seu irmão mais velho, Augusto, que necessita sair de casa para procurar trabalho. Para manter-se sem a ajuda que recebia do irmão, o menino precisa deixar a escola para vender amendoim na praia. Fracassada essa empreitada, decide, à beira do desespero, buscar novos rumos e, para isso, sai de casa sem avisar à família e decide encontrar a casa de sua madrinha, de cuja existência soubera através de Augusto, antes dele partir. A viagem, porém, revela-se uma aventura altamente significativa enquanto aquisição de conhecimento para o aperfeiçoamento do processo de maturação vivido pela personagem, seja por seus riscos, seja por suas dores. Junto com vários amigos que a ele se agregam no caminho, atinge o destino pretendido e, depois de algum tempo, como acontece com cada um de nós, segue em frente, em busca de novas realizações.

Nunes consegue, através da ficção, emitir uma crítica contundente a metodologias de ensino que não contribuem de forma significativa para a formação humana dos alunos. Neste livro, a autora conta, entre outras histórias, a de uma professora que adota uma metodologia nova na escola, levando os alunos a refletir sobre questões de ética e cidadania. Isso fica evidente na seguinte passagem do texto:

[...] Pacote azul era dia de inventar brincadeiras de juntar menino e menina; não ficava mais valendo aquela história mofada de menino só brinca disso, menina só brinca daquilo, meninos do lado de cá, meninas do lado lá. Pacote cor-de-rosa era dia de aprender a cozinhar. (CDM¹, 2017, p. 62).

É indubitável a posição de Nunes com relação à função do sistema de ensino: a escola, que o representa, deve ser um espaço que proporcione a reflexão, construindo, assim, um mundo mais justo e igualitário. No que diz respeito à postura que um professor deve assumir perante a sala de aula com a leitura literária, o trecho acima sugere que a leitura literária deve ser, antes de mais nada, reflexiva, recusando formulações padronizadas ou sancionadas – como o didatismo da formação moral conduzida para objetivos predeterminados, por exemplo, eliminando outras possibilidades de leitura e aprendizado (CANDIDO, 2004, p. 169 e ss).

A leitura literária, em outras palavras, deve incentivar a criatividade e provocar a reflexão com relação a aspectos que envolvem a desinformação social, e, conseqüentemente, a manipulação da sociedade, além de proporcionar a pluralidade de interpretações (COSSON,

¹ Sigla para designar os trechos retirados de *A casa da madrinha*, desta parte em diante.

2006). Na narrativa analisada, esse foi o método novo que fez com que a professora fosse chamada à atenção por parte do sistema educacional e social, representado pela direção escolar e pelos pais dos alunos. Durante muitos anos, como afirma Cademartori (2010, p.24), “[...] a preocupação pedagógica [...] silenciou no texto questões relativas a diferenças, conflitos, finitude, certas circunstâncias existenciais árduas e interesses dos jogos de poder.”

Este fato relaciona-se à necessidade que a criança e o adolescente sentem de resolver seus problemas durante o crescimento, necessidade de se identificar culturalmente e de encarar o mundo de forma mais natural e confiante, construindo, assim, uma personalidade mais independente.

O trabalho está estruturado nos seguintes itens: (2) **A contribuição da literatura para a formação da personalidade da criança e do adolescente**, no qual se discute a importância da mediação do professor para o desenvolvimento do senso crítico do aluno em relação ao seu mundo interior e exterior; (3) **A casa da madrinha, um espaço para a contação de histórias**, que reflete sobre as mudanças no ambiente familiar em decorrência do apelo da comunicação midiática e da inserção da mulher no mercado de trabalho; (4) **Análise da obra com foco no herói da narrativa e a jornada transicional entre infância e adolescência**; e, por fim, antes das Considerações Finais, (5) **Uma crítica à educação através da análise dos personagens**, que se detém principalmente sobre O Pavão, A professora e Alexandre.

2. A contribuição da literatura para a formação da personalidade da criança e do adolescente

A mediação da leitura literária nas escolas, feita pelo professor, é de fundamental importância para a formação da personalidade da criança e do adolescente, pois a interação que ambos fazem com o texto literário permite-lhe uma vivência que satisfaz a curiosidade, o experimentar de aventuras, da coragem e das alegrias, bem como o enfrentamento dos temores, das fraquezas e das tristezas, estimulando, assim, a inteligência emocional e intelectual, além de desenvolver a sua criticidade em relação ao mundo e à sociedade em que estão inseridos.

Partindo do pressuposto de que é a emoção o que neles estimula o gosto pela leitura, faz-se importante pensar em temas e assuntos de seu interesse. De acordo com Cademartori (2010, p.35), “A criança, em geral, não se interessa por livros que não lhe trazem nada de novo, não lhe surpreendem com algo que ela ainda não pensou.” Essa questão está explícita no capítulo da obra em análise, intitulado “A Professora e a Maleta”, do qual foi destacado o

trecho em que a professora, junto com o seu método de trabalho, são apresentados como algo inusitado e fascinante:

A Professora era jovem; a maleta era velha, meio estragada, e de um lado tinha o desenho de um garoto e uma garota de mãos dadas, vestindo igual, risada igual. [...] A professora gostava de ver a classe contente, mal entrava na sala e já ia contando uma coisa engraçada. Depois abria a maleta e escolhia o pacote do dia. [...] pacote azul era dia de inventar brincadeira de juntar menino e menina; não ficava valendo mais aquela história mofada de menino só brinca disso, menina só brinca daquilo, meninos do lado de cá, meninas do lado de lá. Pacote cor-de-rosa era dia de aprender a cozinhar (CDM, 2017, P.61-62).

Nunes, através desse recurso de linguagem – a imagem que retrata o desconhecido, ou melhor, o insólito e destoante do padrão, despido de uma aura de temor e ameaça – emite uma forte crítica ao sistema educacional tradicional, o qual nega aos alunos a discussão transparente e sem subterfúgios de questões relacionadas ao cotidiano destes, sobretudo no que diz respeito às questões de gênero, cujo exame constituía tabu praticamente insuperável na época em que o livro foi publicado, extensível ainda por quase duas décadas nas escolas, embora se trate de assunto de extrema relevância para os sujeitos viverem em sociedade.

A professora traz uma metodologia nova para a sala de aula, fazendo os alunos refletirem sobre este assunto, silenciado inclusive em casa. Muitas vezes, os alunos têm sede de ouvir algo novo em relação aos seus anseios e sentimentos mais íntimos. Entretanto, muitos professores, ao trabalhar com os textos literários, não levam em consideração a realidade social e, muito menos, a realidade interior do aluno. Além disso, exercem um controle quase hermético sobre a leitura, reduzindo, assim, o texto literário a uma única possibilidade interpretativa. O percurso metodológico predominante, nesta perspectiva, é o da formação moral, eliminando outras possibilidades de percepção e realização da experiência estética e emocional que o texto é capaz de proporcionar. Como afirma Cademartori (2010, p. 27), “Ao leitor, nenhum espaço que permita a interlocução, nenhuma margem a que, de modo diverso, interprete o que o narrador quer dizer.”

A professora de Osarta, - ao contrário pode ser lida como “atraso”, nome da escola em que têm lugar a maior parte dos eventos da narrativa analisada, parecia conhecer os comportamentos, crenças, preconceitos e preferências de seus alunos. Ao trabalhar as questões de gênero, notava a empolgação destes durante as aulas. Tal empolgação ocorreu porque Alexandre percebeu, nas aulas da professora, que o mundo é diferente do que ele imaginava. Despertava, assim, o senso crítico, pois “[...] a literatura satisfaz, [...] a

necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles.” (CANDIDO, 2004, p. 180). O autor afirma ainda que “[...] o valor de uma coisa depende em grande parte da necessidade relativa que temos dela.” Diante disso, o papel fundamental do texto literário é despertar e construir o pensamento crítico para que, por intermédio deste, possamos intervir no contexto social e cultural, buscando a possibilidade de usufruir, no futuro, de um mundo mais solidário, plural e igualitário. Assim, Alexandre procurava nas aulas da professora, algo que o auxiliasse a conferir sentido à sua vida.

3. *A casa da madrinha, um espaço para a contação de histórias*

No mundo moderno, veloz e imediatista, as pessoas procuram aquilo que é mais rápido e prático. Diante dessa nova realidade, os pais negligenciam as contribuições sociais e culturais que o exercício da tradicional *contação de histórias* pode proporcionar aos seus filhos. Muito preocupados com o trabalho e com as necessidades criadas pelos padrões de consumo, esquecem-se da importância de seu papel como mediadores da aprendizagem das crianças. Essa conjuntura tem ganhado contornos cada vez mais nítidos principalmente depois da inserção da mulher no mercado de trabalho, visto que, antes disso, era a mãe quem acompanhava as atividades escolares dos filhos e contava/ia histórias para eles antes de dormir ou em outras horas do dia. A voz narradora, em *A casa da madrinha*, faz alusão a quanto as crianças gostam de ouvir histórias:

A professora gostava de ver a classe contente, mal entrava na aula e já ia contando uma coisa engraçada. [...] E tinha um verde, que não era forte nem claro, *era um verde amarelado, que as crianças adoravam: era dia da Professora abrir o pacote de história. Cada história ótima*² (CDM, 2017, p. 62-63).

Desse modo, a crítica que incidia sobre a escola estende-se à instituição familiar, ao apontar para a falta de diálogo e de interação entre pais e filhos no seio da família. Isso vem se tornando cada vez mais frequente e ocasionando grandes prejuízos para o desenvolvimento emocional e psicológico dos adolescentes.

Como resultado, os adolescentes que foram crianças em semelhante contexto não serão capazes de aquilatar a importância de uma conversa familiar, em cujo bojo integram-se o conhecimento e os valores transmitidos de geração em geração, responsáveis pela constituição da identidade e pelo estabelecimento de referências. A contação de histórias é

² Grifos nossos.

fundamental para a formação da personalidade da criança, pois, se feita de modo significativo, influenciará diretamente no gosto pela leitura. Esta prática, porém, progressivamente perde espaço no mundo moderno.

Da mesma forma, a leitura de textos literários também vem perdendo espaço, nas últimas duas décadas, para a leitura do texto midiático, ao qual as crianças vêm sendo expostas cada vez mais cedo – e aqui me refiro especificamente ao texto midiático não literário, como: notícias de jornal, receitas de bolo, receitas para emagrecer, propagandas publicitárias, que têm o intuito apenas de influenciar em seu comportamento. Textos esses que não levam a uma reflexão mais crítica sobre o mundo. E aqui não me refiro a *blogs*, *e-mails*, tutoriais, postagens em redes sociais, pois estes recursos tecnológicos podem ser um poderoso instrumento de trabalho para facilitar o acesso aos textos literários através de compartilhamentos, e também proporcionar leituras compartilhadas, incentivar novos escritores e leitores. Lembrando que, também pode ser criados blogs para contação de histórias e quem sabe surgir grandes contadores de histórias. O recurso digital pode ainda ampliar a imaginação da criança através do uso das imagens, movimentos e sons, mas só não pode perder, o caráter lúdico, fantástico e literário. Tendo em vista que, sem isso, causará grande prejuízo à criação e desenvolvimento de habilidades necessárias à abordagem do texto literário. Logo, os recursos tecnológicos devem ampliar a tradicional contação de histórias, porque ela como hábito cultural e fonte de referência, beneficia a imaginação, a emoção, a criatividade e a emancipação de crianças e jovens, que os textos midiáticos não literários apontados acima não proporcionam.

Ainda é importante lembrar que a acepção da expressão *contação de histórias* não deve se restringir apenas à noção de entretenimento, mas também à de meio de proporcionar a criatividade, a reflexão crítica, a emancipação emocional e intelectual por meio de narrativas cujo teor emocional, lastro histórico (ou até mesmo a falta dele), referencial e afetivo são altamente significativos. Segundo Meireles:

Não há quem não possua, entre suas aquisições da infância, a riqueza das tradições, recebidas por via oral. Elas precederam os livros, e muitas vezes o substituíram. Em certos casos, elas mesmas foram o conteúdo desses livros. O negro na sua choça, o índio na sua aldeia, o lapão metido no gelo, o príncipe em seu palácio, o camponês na sua mesa, o homem da cidade em sua casa, [...]. Conta-se e ouve-se para satisfazer essa íntima sede de conhecimento e instrução que é própria da natureza humana. Enquanto se vai contando, passam os tempos do inverno, passam as dores e as catástrofes [...]. O gosto de contar é idêntico ao de escrever [...]. O gosto de ouvir é como o gosto de ler. (MEIRELES, 1984, P.19-20).

Portanto, Lygia Bojunga corrobora Meireles ao colocar em *A Casa da Madrinha* um personagem contador de histórias. Trata-se de Augusto, irmão mais velho de Alexandre, que conta histórias para seu irmão dormir e sonhar.

E se de noite Alexandre custava a dormir, Augusto ficava inventando história pra ele. Se tinha coisa que Augusto gostava era de inventar história; Alexandre adorava escutar; às vezes ficavam inventando e ouvindo até o galo cantar. (CDM, 2017, p.59)

A sensibilidade do personagem Augusto reside no fato de “[...] reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo.” (CANDIDO, 2004, p.172). Augusto não queria que Alexandre trabalhasse, para que pudesse dedicar-se exclusivamente aos estudos. Tendo já ressaltado a importância da contação de histórias para as crianças na família, é a ela que a autora também questiona sutilmente por transferir a responsabilidade de desenvolver tal atividade unicamente para o irmão mais velho. Por outro lado, não é menos verdade que a narrativa sublinha a existência de uma mudança social determinando tais transformações; o papel de contar histórias para as crianças foi, durante muitos anos da mulher, antes de sua inserção no mundo do trabalho. Fazer com que ele mude de mãos, passando para o filho mais velho, rompe a expectativa do leitor, fazendo-o enxergar novas possibilidades de organização da vida familiar.

A mulher, a partir da segunda metade do século XIX, especificamente após o advento da Revolução Industrial, passou a ocupar espaços sociais mais diversificados, adquirindo assim mais atribuições fora de casa, deixando de privilegiar a educação dos filhos em detrimento da necessária jornada de trabalho. Esta é uma realidade que se delineia em contornos mais fortes principalmente nas classes média e baixa. Alexandre, o personagem principal da narrativa, é um menino carente de atenção, pois vive a maior parte do tempo só e nas ruas.

A instituição familiar, nesse contexto, apresenta-se desestruturada: a mãe passa o dia fora de casa, lavando e passando; o pai é alcoólatra e desempregado; as irmãs, assim como a mãe, trabalham o dia todo. Augusto, o irmão mais velho, trabalha como vendedor ambulante e Alexandre, o protagonista, passa o dia perambulando pelas ruas, quando não está na escola, tentando ganhar algum dinheiro para ajudar nas despesas em casa.

Através da contação de histórias, Augusto contribui significativamente para o desenvolvimento da personalidade de Alexandre, pois incute em sua mente a esperança de dias melhores. Ajudando-o a enfrentar a vida com mais coragem, permite-lhe atrever-se a

sonhar com dias melhores, pois é o sonho que nos encoraja a enfrentar as dificuldades, pelo vislumbre do futuro desejado. Augusto, ao contar histórias para Alexandre, influencia-o no sentido de enfrentar os problemas da vida de forma menos angustiante. Em síntese, “[...] ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo do fabuloso. [...] Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura.” (CANDIDO, 2004, p.174-175).

4. Análise da obra com foco no herói da narrativa e na jornada transicional entre infância e adolescência

A tessitura narrativa de *A Casa da Madrinha* discute a dura realidade de uma família que luta pela sobrevivência na cidade grande. Entretanto, apesar de descrever o real mediante um contorno objetivo e fortemente evocativo das vivências mais prosaicas do dia a dia, a história permeia-se de sonho, fantasia, esperança e aventura. O livro, por essa razão, é recheado de imagens surrealísticas, seja na composição dos diálogos, seja na descrição das cenas, ambientes e personagens, recurso que facilita a inserção do insólito, tornado natural no cotidiano das crianças criado pela ficção. Num certo sentido, analogamente, o jovem leitor é convidado a aceitar o diferente sem maiores dificuldades, sobretudo porque o exame da intimidade daquele que não compreendemos, como é feito durante a história, promove empatia.

O personagem central, Alexandre, representa o grupo de pessoas marginalizadas pela desigualdade social: homens, mulheres e crianças que lutam por melhores condições sociais. O personagem, além de representar uma voz social, consiste, também, na voz de uma individualidade, de um sujeito em tudo peculiar, tendo em vista que somos seres únicos em meio à diversidade de tipos que caracteriza um grupo social.

A individualidade de Alexandre é respeitada, na narrativa, quando ele não aceita a situação que está enfrentando: sente-se sozinho depois que o seu irmão mais velho decide viajar em busca de um trabalho fixo e toma a decisão de ir procurar a casa da sua madrinha, sobre a qual Augusto havia comentado, mas que ele não conhecia. A autora não ignora as especificidades da personalidade de Alexandre na narrativa: a curiosidade, a atitude, a esperteza, que o diferenciam dos restantes do grupo social do qual faz parte (família, colegas).

Alexandre vai enfrentar grandes desafios durante a viagem, que terá que realizar sozinho, em busca do sonho que seu irmão mais velho incutiu em sua mente.

A busca – que extrapola o objetivo explícito de encontrar o endereço da casa da madrinha e aponta para o autoencontro de que Alexandre necessita para decidir o seu caminho na vida –, adquire o caráter da jornada do herói nos contos clássicos (CAMPBELL, 1989; 2008). O menino move-se simultaneamente entre o espaço do real e o espaço da fantasia. Depois de tanto ouvir as histórias de Augusto, Alexandre finalmente consegue dormir e sonhar que encontra aquilo que mais deseja (“E muito tempo depois, quando o sono chegou, ele sonhou: estava correndo. Estava chegando, estava pegando a chave na flor e botando no bolso.” (CDM, 2017, p.85). No dia seguinte, quando o menino acorda, como se a realidade conspirasse contra a realização do sonho, Augusto avisa-o de que terá que viajar para trabalhar numa fábrica em São Paulo.

A partir do momento em que os irmãos se separam, a delimitação dos espaços exteriores é crucial para a construção interior da própria trajetória a ser realizada por Alexandre. O espaço urbano é descrito pelo narrador como o espaço da luta pela sobrevivência, do desamparo social, da falta de uma alimentação adequada, da falta de uma casa confortável, da dificuldade do acesso e permanência na escola. O espaço da casa de Alexandre é marcado pela ausência de afetividade e atenção por parte dos pais e das irmãs, e, assim, ele passa a maior parte de seu tempo nas ruas, tentando vender amendoim na Praia de Copacabana para suprir a falta da ajuda material antes dada pelo irmão. O malogro dessa alternativa, que o obriga a abandonar a escola, e o quase desespero em que se vê mergulhado, o levam a buscar o espaço da esperança, a casa da madrinha, que, assim como o seu futuro, ele não conhece e nem sabe direito onde/quando fica – só sabe que está em algum lugar à frente.

A narrativa, nesse ponto, erige um libelo voltado para a supressão dos direitos humanos, principalmente quando alude à ausência da literatura, tendo em vista que a permanência na escola foi negada a Alexandre, em virtude de suas condições sociais. Chamar a atenção para tais questões: Trabalho infantil, pais alcoólatras, rejeição social, direito a arte e a literatura, direito a uma alimentação adequada, a uma moradia de qualidade, acesso à escola... que nem de longe se fariam presentes em certos tipos de livros infanto-juvenis, que desproblematizam assepticamente a vida, num cuidado excessivo para não “traumatizar” ou “confundir” crianças e adolescentes, é o que torna relevante a leitura de *A Casa da Madrinha* para o desenvolvimento da personalidade em formação. Candido (2004, p.186) afirma que “[...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de

focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual.” Por isso Augusto deseja que Alexandre estude, e, enquanto viveu na casa dos pais, nunca o deixou trabalhar durante a semana, pois não queria que o irmão mais novo passasse pelo que ele passou.

A motivação para a viagem de Alexandre rumo à casa da madrinha reflete, à sua maneira, a inquietação mais íntima de todo herói: profunda insatisfação em relação à sua condição social, emocional e afetiva. Viajar representa uma iniciativa transformadora, uma tomada de posição sobre encontrar e adquirir o que deseja: proteção, segurança, estabilidade emocional, autonomia, metas inviabilizadas pelo medo. Para que pudesse encontrar *a casa da madrinha*, que representa o vestíbulo de acesso a todas essas conquistas – o “espaço da esperança” – Alexandre precisaria enfrentar certos medos, como o de fracassar ou não suportar a jornada.

No decorrer desta viagem espiritual e emocional, Alexandre sofre várias perdas. A primeira delas é a companhia do seu irmão mais velho, seguida da oportunidade de estudar e da amizade de Vera, cujos pais o veem como um “largado”, sem valor e sem prestígio social. Se a narrativa expressa bem o desejo de Alexandre de se conhecer melhor como pessoa humana, também induz o jovem leitor à empatia, uma vez que toda leitura do texto literário pressupõe um jogo de projeção. Como afirma Todorov, a leitura do texto literário tem “o poder de intervir na formação do espírito e, por conseguinte, da realidade como um todo.” (TODOROV, 2012, p. 8). Desse modo, a literatura ajuda desenvolver na personalidade da criança e do adolescente capacidades emocionais que o levam a agir de forma empática e crítica em suas interações sociais com o mundo e com o próximo. A leitura de *A casa da madrinha* leva o jovem a refletir sobre si mesmo e sobre seus próprios valores, proporcionado a construção de personalidades mais humanas e justas, aptas ao desenvolvimento da solidariedade, ao exercício da cidadania, ao respeito à diversidade e ao apreço à tolerância:

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 2004, p. 186).

Candido afirma que todo ser humano deve ter acesso à literatura e à arte, pois isso lhe garante integridade espiritual e emocional. Assim, uma obra que toca nas questões interiores e

exteriores que o jovem leitor conhece ou vivencia será uma contribuição de importância fundamental para a solução/encaminhamento de seus dilemas.

Alexandre encontra-se na puberdade e, durante essa fase de transição entre a infância e a adolescência – que, por sinal, consiste numa espécie de corredor que o levará vertiginosamente à idade adulta – transbordam de forma instável, quase desgovernada, emoções como medo, raiva, confusão interior, angústia, pessimismo, insegurança, dor provocada por perdas.

Na narrativa, a transição da infância para a adolescência é metaforizada através dos jogos de imagens e palavras e da viagem que o personagem principal realizará para encontrar a casa da madrinha. Essa travessia personifica o seu desejo mais íntimo de mudança social, emocional, psíquica e afetiva e, por que não, de reconhecimento de sua própria identidade. Ler *A casa da madrinha* identificando-se nas incertezas, inseguranças, medos e dilemas de Alexandre com certeza contribuirá significativamente para a superação, por parte do leitor, dos desafios inerentes a essa etapa da vida.

Partindo do pressuposto (óbvio) de que a viagem representa um deslocamento de um lugar para outro, a autora usa, no desenrolar dos eventos do enredo, de duas imagens para representar a transição de Alexandre, ou seja, sua viagem para dentro de si: o centro urbano onde ele mora e o interior para onde ele quer ir. Enquanto que o centro urbano representa a agitação, o espaço público, os conflitos, a sua pequenez diante da miséria em que vive, a cidade do interior representa a tranquilidade desejada, o espaço privado livre de ameaças, o ambiente confiável e propício para a conquista da integridade material, espiritual, afetiva e social. A autora faz uso da polarização cidade/campo para representar a transição (= viagem) da criança da incerteza para a certeza, do caos de ideias e sentimentos para a ordem, da falta de referências para o conhecimento de si, bem como de suas origens. Daí ser tão importante chegar à casa da madrinha, cuja figura ocupa o lugar de mãe, orientadora, mantenedora e superintendente de todo o processo em andamento. Vale lembrar, aqui, que Alexandre, ao deixar para trás a família que não podia cuidar dele, a cidade inviável, em suma, toda a vida que conhecia, e ser bem sucedido, envia importante mensagem de esperança a crianças pobres e socialmente marginalizadas como ele, afastadas da escola, privadas da fruição da arte e do divertimento próprio à idade, entre outras coisas absolutamente essenciais.

Diante de sua quase total ignorância, inclusive acerca do que acontece consigo próprio, o protagonista experimenta dificuldade de contar sua real situação social para Vera, a garota de quem ele se torna amigo durante a viagem. No decorrer do percurso, a par de vivenciar uma grande aventura, seu panorama íntimo será marcado pela presença de um

turbilhão de sentimentos inquietantes como insegurança, medo do julgamento alheio, sensação de inadequação causada pelo sentimento de inferioridade. Enfim, tudo estranho e novo para a criança que se despede da infância. O medo de ser rejeitado socialmente e como pessoa aparece no diálogo entre Alexandre e Vera transcrito abaixo, mas um dado novo merece ser notado: entre esconder quem é e revelar-se, Alexandre opta pela segunda opção, o que denota importante vitória sobre esse sentimento:

- É que, eles falaram que, pelo jeito, sabe? Pelo jeito você não é lá muito boa companhia pra mim.
- Por quê?
- Bom, o meu pai falou, quer dizer, os dois falaram, que você é assim, como é mesmo que eles falaram? Ah, um menino diferente de mim.
- Diferente como?
- E você também tem pai?
- Claro que eu tenho! – Levantou com um jeito decidido: - Tenho mãe, tenho casa, tenho tudo, não tenho nada de largado. – E mergulhou no rio. Quando botou a cabeça fora d'água, Vera pediu:
- Você bem que podia contar sua vida pra mim.
- Ele mergulhou de novo. Ficou lá por baixo pensando se contava ou não. Subiu.
- Conta?
- Tá bom. (CDM, 2017, p.55-56).

Sem dúvida, os pais de Vera não aceitam a amizade de sua filha com um garoto em viagem, sozinho, ou melhor, desacompanhado. Nesta situação, além de serem desconhecidas as suas convicções éticas e morais, Alexandre torna-se malvisto e passa a ser ignorado – nada que uma pessoa marginalizada não conheça. Nessa passagem, embora aconteça a primeira frustração de Alexandre, causada pela rejeição social, a discriminação e o preconceito por parte dos pais de Vera, também pode ser assinalado o nascimento de uma consciência diferenciada de si mesmo. Afinal, ele poderia mentir acerca de suas condições de vida, e até experimenta um rápido conflito quanto a revelar-se, mas decide contar a verdade a Vera. Dessa forma, o leitor não apenas se solidariza com o menino injustiçado e excluído, mas observa-o tomar uma posição corajosa diante do fato, que deixa transparecer uma mensagem subliminar: não há razão para envergonhar-se de si e muito menos para assumir responsabilidade sobre uma conjuntura que não dependeu dele. Tais reflexões permitem, inclusive, compreender a postura do pai de Vera como resultado do desejo de proteger e livrar a filha de problemas, apesar da dor que tais conclusões possam causar.

Vera vive uma realidade social bem diferente da de Alexandre. Tem acesso à escola, os pais estão unidos, a mãe não trabalha fora, só toma conta da casa, nos moldes da tradicional família patriarcal. O jovem leitor que compartilha da mesma realidade ética e

moral do herói em grande medida compartilhará com ele as mesmas emoções e perceberá como os outros o veem no contexto social. Percebe pelas vias da leitura as sutilezas do jogo social, bem como a crueldade da irracionalidade humana; emociona-se, mas, também, questiona-se e interage de maneira mais realística com o mundo dito real através do mundo ficcional, como se estivesse vivendo a realidade de Alexandre (que pode espelhar a sua própria) e pudesse, também, visitar as inseguranças, medos e motivações interiores dos outros personagens, o que lhe dá, por exemplo, elementos para justificar o pai de Vera, mesmo que não concorde com ele (CAMPBELL, 2008). Daí o caráter humanizador da literatura que Candido menciona.

A obra em questão permite, através da ficção, que o leitor viva experiências que ele talvez jamais pudesse vivenciar na realidade. A literatura na vida do jovem, de acordo com Todorov, ajuda-o:

[...] a viver. Não é mais o caso de pedir a ela, como ocorrera na adolescência, que me preservasse das feridas que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais; em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e permite melhor compreendê-las. [...] Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, [...] (TODOROV, 2012, P. 23)

A experiência da leitura promove o contato do leitor com outros modos de viver e perceber a vida. Tal envolvimento permite o leitor adolescente vivenciar emoções que talvez a vida real não o ofereceu e não o oferecerá, mas ao entrar em contato com obras literárias, vivencia o amadurecimento espiritual, emocional e crítico que o texto literário proporciona. Então o jovem leitor que compartilha da mesma realidade social do personagem é capaz de sentir as mesmas emoções que o personagem vive na história e quem não compartilha dessa mesma realidade, passa a se colocar no lugar dele. Essa leitura empática é de extrema importância para a formação da personalidade do adolescente, uma vez que, a literatura através do exercício da imaginação provoca emoções: alegria, angustia, medo, tristeza, raiva e etc. Essa experiência proporcionará uma mudança na personalidade do adolescente, fazendo-o tomar uma decisão diante das circunstâncias da vida.

O sentimento que o personagem mais vivencia na narrativa é o medo:

- Mas então... Escuta, sempre que eu tô com medo do escuro, de ficar sozinho, de trabalhar, de uma porção de coisas, você diz que o medo tá ganhando de mim, não diz?
 - Digo.
 - E quando um dia eu te perguntei quando é que eu ia ganhar dele disse que era quando eu tivesse a chave da casa no bolso. Agora você tá dizendo que a chave é minha, então tá na hora de eu começar a ganhar do medo, não tá não? Heim? Augusto! Ei, Augusto! Você tá dormindo?

Esse medo do herói, que perpassa toda narrativa, representa a iniciação da maturidade espiritualidade dos jovens diante da transição da fase de criança para a adolescência. Essa transição exige destes, coragem para enfrentar as mudanças que esta fase exige. Nessa passagem do texto, a autora usa a imagem da chave para explicar que é preciso tomar uma decisão na vida, é abrir-se para o novo, é descobrir-se como sujeito ativo, é descobrir sua verdadeira identidade, para isso é preciso fazer a travessia, que pode ser dolorosa e exigir desafios diante do desconhecido. A obra apresenta que é preciso perdermos o medo para encarar os desafios da vida, logo a imagem da porta representa o outro lado.

5. Uma crítica à educação através da análise dos personagens

Partindo do pressuposto de que a educação se constitui como direito fundamental e essencial ao ser humano, e diversos são os documentos oficiais que corroboram esta afirmação, a educação é um fator diferencial, uma vez que, através dela, os indivíduos têm maiores chances de preencherem postos de trabalho qualificados, além de exercer participação ativa na vida política e econômica do país.

A Casa da Madrinha discute sobre problemas fundamentais da realidade brasileira de forma lúdica, mas crítica. Entre esses problemas encontra-se a educação, cujas diretrizes eram eminentemente tradicionais na época de lançamento do livro. Na verdade, mais de vinte anos depois, a escola ainda não descobriu o caminho para a formação de alunos leitores, críticos e dotados de autonomia intelectual, problema que persiste até à universidade. O excerto abaixo mostra o quanto a narrativa de Nunes ainda é atual. Se a receita que se segue, destinada apenas ao controle, é catastrófica para qualquer estágio e setor do processo de ensino e aprendizagem, conhecemos a sua ação em nossos alunos quando se aplica, por exemplo, às estratégias de leitura:

- Anda assim. Abre as penas assim. Responde assim. Olha assim.
E ele andava. Abria. Respondia. Olhava. Porque essa era a vantagem do pensamento atrasado: o Pavão fazia direitinho, sem nunca parar pra pensar, tudo que os outros mandavam. (CDM, 2017, P. 47- 48)

A autora, através do personagem Pavão, faz alusão às crianças que não tiveram acesso ao ensino de qualidade, que promove as inquietações emocionais do sujeito. Na verdade, no Brasil, a questão da qualidade do ensino é mais delicada e abrangente do que se

imagina e continua hoje tão atual quanto o era nos anos 70, quando o livro foi lançado. Até os anos 90, acreditou-se, num quase consenso, que a escola particular estaria salvaguardada da falta de qualidade, que seria adstrita à escola pública. Hoje, quando já se tem como verdade que a situação é apenas menos drástica na escola particular, percebe-se que, por quaisquer que sejam as razões – vontade política, estrutura do sistema educacional, natureza dos conteúdos e metodologias distanciadas de uma demanda social, econômica e mercadológica distanciada das prioridades atuais, formação deficiente dos professores –, ainda não existem soluções efetivas para o problema, que coloca, no panorama mundial, o estudante brasileiro como um dos mais atrasados e mal formados do mundo. A atualidade de *A casa da madrinha*, nesse sentido, permite que a reflexão sobre a problemática educacional seja aprofundada e ampliada para examinar o panorama do presente, nos termos em que a autora situa a discussão quando do lançamento da obra.

A narrativa, como já mencionei, tem no seu viés simbólico a principal mola propulsora da ação. É possível afirmar que isso, em grande parte, deveu-se à repressão política da época. Porém, hoje em dia, essa forma de redimensionar o real na narrativa ficcional persegue uma liberdade de expressão que seja efetiva não apenas para enganar a vigilância dos censores (o que não era tão difícil assim, considerando que eram pessoas cujo grau de letramento era insuficiente para realizar leitura crítico-reflexiva do texto, e, por essa razão, concentravam-se em aspectos atinentes à moral, aos bons costumes e à segurança nacional).

O simbólico em *A casa da madrinha* abre novas perspectivas para que se reflita também, além da deficiência do sistema educacional, sobre as questões humanas que envolvem os seres humanos por ela mais danosamente afetados. O caso de Alexandre, a propósito, é extremo, porque retrata a privação total dos bens da educação em uma criança que quer estudar, e, pior, a realidade do país aceita essa conjuntura e até a mantém, em razão da omissão dos governantes. O que pode ser mais semelhante à realidade atual? E não estou deixando de considerar, aqui, certas iniciativas governamentais para nivelar o fosso entre quem tem acesso à educação paga e quem não o tem; nos anos 70, havia o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), hoje temos programas de cotas e sistemas que facilitam o ingresso nas universidades, como o SISU e o REUNE, aliás, abertos não apenas aos alunos egressos da escola pública – apenas questiono a efetividade destas medidas. Se na época do lançamento do livro a crítica mais incisiva recaía sobre o modelo de ensino tradicional no Brasil, que não tem como objetivo formar cidadãos autônomos e críticos, hoje, como se pode ver, o tema amplia-se em inúmeros ângulos antes inexistentes.

A abordagem metodológica tradicional, que consiste em transferir conteúdos por via predominantemente teórica, através dos livros, na sala de aula, se não pressupõe atividades de aplicação, isto é, práticas, priva o aprendiz das condições necessárias mínimas para a efetivação do processo educativo, já que impede o desenvolvimento da consciência crítica; diferentes realidades e expectativas podem dar lugar a interpretações diferentes do conhecimento, inclusive quanto ao seu grau de relevância. No tocante ao ensino de literatura nas escolas, durante muitos anos, este ensino surgiu como um fim utilitário: a escrita de trabalhos escolares que reproduziam as respostas dos manuais e dos professores e o aprendizado de regras gramaticais. As aulas de literatura, na realidade eram – e ainda são! – aulas *sobre* literatura, já que a leitura e a interpretação do texto eram postas em segundo plano.

A obra analisada, portanto, discute problemas que persistem muito atuais na educação brasileira: a leitura e a interpretação sob controle; ensino de literatura para estudar história da literatura; privilégio de uma abordagem metodológica tradicionalista, que não incentiva a autonomia e a criatividade ou a leitura crítica; despreparo dos professores para assumir uma postura diferenciada diante dos alunos e de sua prática, o que os colocaria na posição de repreensíveis, estranhos, incompreensíveis, esdrúxulos, como acontece à Professora; e, por fim, a evasão escolar, motivada pelas condições sociais dos alunos. Alexandre, por exemplo, teve que abandonar a escola para trabalhar, pois a família não podia mantê-lo, como Augusto fazia; Pavão, o menino com o “pensamento atrasado”, teve o seu desenvolvimento cognitivo prejudicado pelas práticas escolares controladoras e reducionistas, destinadas a formar cidadãos obedientes e conformistas.

O espaço escolar, Osarta, é descrito na narrativa como o espaço do controle e da disciplina. Essa era a estrutura das escolas durante o século XIX, quando a prioridade da educação era o controle do indivíduo através da adoção do padrão social e o controle da transferência de conhecimentos. Essa metodologia de ensino ainda atinge grande parte da educação brasileira, o que é lamentável e, ainda, não adquiririam conhecimentos considerados essenciais para convivência em sociedade.

A autora denuncia em sua obra a falta de resposta do governo com a educação, ao negar aos estudantes o seu desenvolvimento integral nos campos afetivo, emocional, social, físico, psicológico e cultural.

Diante dessa reflexão, não poderíamos deixar de falar da importância da literatura nesse processo de desmascaramento das violações aos direitos humanos como: liberdade de expressão, alimentação adequada, direito à escola de qualidade, acesso e permanência à

escola, direito a propriedade, direito à moradia de qualidade... A leitura da obra *A Casa da Madrinha* nas escolas pode proporcionar às crianças e adolescentes a mediação fundamental para uma primeira reflexão sobre os direitos – e deveres – humanos e formar personalidades ativas para agir em sociedade de forma mais democrática e crítica. Assim sendo, a fruição da obra em questão abre os olhos do jovem leitor para aquilo que se espera dele, como cidadão, quais as condições ideais para atingir estas metas, e, sobretudo, o que ele efetivamente está recebendo ou recebeu por parte dos familiares, da escola, dos governos, etc., para ser bem sucedido. Acredito que uma das conclusões mais maduras e difíceis a que uma reflexão acurada do texto conduz é a do exame da própria responsabilidade e iniciativa individual diante de um quadro geral adverso; Alexandre empreende a sua jornada quando percebe que não poderia unicamente esperar ser ajudado, e sim buscar essa ajuda partindo de seus próprios meios (quase nulos, na verdade, o que leva o leitor a pensar). E aí novamente recorremos ao pensamento de Candido, para quem a literatura “[...] tem papel formador da personalidade, [...]” (2004, p.175-176).

As escolas durante anos tinham um cenário de autoritarismo com metodologias distante e estranha à realidade social dos estudantes. A socialização no ambiente escolar fazia-se na base da passividade e do respeito à autoridade. Não quero com isso dizer que discordo da obediência às leis e do respeito a todos, incluindo-se aí aqueles que nos são hierarquicamente superiores; apenas chamo a atenção para os efeitos danosos de uma educação que reprime as indagações e as emoções das crianças, e, ainda, em nome de uma formação da personalidade comedida e dotada de autodomínio, produz cidadãos indiferentes e conformistas. Naturalmente que não é fácil exercer oposição a um sistema estabelecido. Na narrativa, um trecho do capítulo “A Professora e a Maleta” faz alusão a esse fato:

(Um dia a diretora da escola entrou na classe justo na hora em que Alexandre estava ensinando um garoto a fazer uns bolinhos de trigo. [...] A diretora sabia que estava na hora da aula de matemática. Que matemática era aquela que a professora estava inventando? Não gostou da invenção. Mas saiu sem dizer nada.) [...] Tinha um pacote cor de burro quando fogue que a professora nunca chegou a abrir. Todo dia ela botava o pacote em cima da mesa. Mas na hora de abrir ficava pensando se abria ou não, e acabava guardando o pacote de novo. [...] No melhor da aula, um grupo de pais de alunos, que estavam visitando a escola, entrou na sala. Quando a aula acabou, um deles perguntou pra professora: - A senhora está querendo ensinar meu filho a vender amendoim? [...]

No outro dia surgiu a fofoca: [...] que tinha um pessoal que não estava gostando da maleta da professora.

Que pessoal?

Um disse que era a diretora, outro disse que era uma outra professora, outro disse que era o pai de um aluno, [...] e foi um tal de um disse que o outro falou, [...]

Aí, uns dias depois, [...] a professora chegou. [...] E com um jeito diferente, uma cara meio inchada, [...] (CDM, p. 62-63-64-65).

A professora, ao tentar resistir à prática de ensino tradicional, torna-se mal vista no ambiente da escola, reavivando aquilo que historicamente podemos definir como “a preocupação pedagógica, que, por muito tempo, silenciou no texto questões relativas a diferenças, conflitos, finitude, certas circunstâncias existenciais árduas e interesses dos jogos de poder.” (CADEMARTORI, 2010, p. 24). Semelhante postura do sistema educacional acarretou grandes prejuízos, particularmente no que concerne à formação de leitores, tanto do texto quanto da vida, e a narrativa dá conta de alguns deles através de seus personagens. Como afirma Cademartori (2010, p. 25), “o monólogo não dá margem a questões. Pretende uma única resposta”. Assim, qualquer iniciativa que pudesse ser interpretada como discordante da agenda do poder, deveria ser suprimida.

Assim, a professora da escola Osarta (se lermos a palavra ao contrário teremos ATRASO), na narrativa, resistia como podia ao sistema de ensino tradicional, fosse mediante uma postura de resistência e denúncia, fosse pela introdução de questões de gênero na sala de aula, ao juntar meninos e meninas, fosse por incentivar o livre pensamento através de atividades que visavam a conjugar teoria e prática. Por esta razão, sofre perseguição por parte da direção da escola, dos colegas e dos pais dos alunos. Enfrentando a mais emblemática das formas de coerção, no contexto em que atua, vê-se obrigada a mudar de metodologia para não perder o emprego.

O conflito entre as convicções interiores e a necessidade de subsistência é sugerido no texto (“Aí, uns dias depois, [...] a professora chegou. [...] E com um jeito diferente, uma cara meio inchada.”, p. 65), apontando também para um aspecto incomum ao exame na maioria dos livros infanto-juvenis contemporâneos de *A casa da madrinha*: o de que os adultos não são invulneráveis, infalíveis e imperturbáveis, como super heróis, diante dos acontecimentos da vida. Também eles se entristecem, sentem revolta, medo, dor, dúvida, etc., emoções bem humanas e que não deixam de existir porque cresceram. Compreender as reações dos personagens numa perspectiva humana, empática, confere maturidade e consiste, sem dúvida, numa aquisição de conhecimento para a vida.

E, assim como na vida, Alexandre é levado pelas circunstâncias para outros lugares e situações, não havendo, por assim dizer, um desfecho conhecido para a história da professora “desobediente”. Podemos arriscar dois desdobramentos possíveis, o que seria uma interessante atividade interpretativa com os alunos (“O que vocês acham que aconteceu com a professora?”): a persistência nas crenças anteriores, com o desemprego como consequência

infalível, ou a manutenção do emprego mediante uma atitude conformista. O que a professora decidiria? Como *A casa da madrinha* ainda é atual!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura literária deve ser proporcionada no espaço da família, da escola e no da sociedade. Isso se justifica porque a leitura de textos literários proporciona a construção de imagens na mente da criança e do adolescente que os auxiliam em seus conflitos práticos, subjetivos, psicológicos e emocionais. De tal forma que “[...] a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos limites da escola.” (LAJOLO, 1994, p.7).

Dessa forma, faz-se importante repensar metodologias e abordagens do texto literário na sala de aula, privilegiando aquelas que proporcionem o senso crítico do aluno e ampliem a sua visão de mundo como leitor e que não funcionem como meio utilitário (fazer um trabalho escolar) ou alienador (impor uma interpretação acabada do texto). Então, ler a obra *A Casa da Madrinha* é de extrema importância para o jovem leitor, pois pode ajudá-lo a desenvolver suas emoções e uma personalidade mais crítica e independente de seu grupo de convivência, além de fazer perceber as injustiças sociais que o rodeia e, por vezes, o aprisiona. A literatura tem o poder de transformar os sentimentos e as ideias, pois proporciona ao leitor ampliar sua visão de mundo e conhecer outras culturas e formas de ser e estar no mundo, postura talvez bem mais valorativa e libertadora para se conviver em sociedade.

Isso se justifica porque a leitura de textos literários proporciona a construção de imagens na mente dos jovens leitores que os auxiliam em seus conflitos subjetivos, psicológicos e emocionais. Os textos ficcionais, orais ou escritos, podem auxiliá-los a identificar-se e a resolver seus problemas – dilemas – subjetivos e objetivos de uma forma que talvez as experiências reais por si sós não fossem capazes de fazê-lo.

Muito se discute em termos de democratização e qualidade do ensino, mas o que a obra de Lygia Bojunga Nunes analisada neste artigo denuncia, ou melhor, torna visível, é que ainda estamos, como sociedade, no Brasil, longe de compreender a importância que esse bem imensurável tem nas vidas das pessoas, seja no que diz respeito à formação de sua personalidade, seja no que diz respeito para a preparação para a vida social e profissional.

Já para os professores em formação, ler *A casa da madrinha* é uma excelente oportunidade de refletir sobre os problemas da educação, sobre suas próprias práticas e sobre a condição humana.

REFERÊNCIAS

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 1989.

CAMPBELL, Joseph. **Jornada do herói**. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2008.

CANDIDO, Antonio. O direito a literatura. **In: _____**. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

NUNES, Lygia Bojunga. **A Casa da Madrinha**. 20. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2017.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2012.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus pelo dom da vida que me foi concedido, por ter permitido chegar esse momento tão esperado com muita saúde e lucidez e pela Sua mediação que me faz tornar uma pessoa melhor a cada dia e me enche de esperança de dias melhores e mais justos.

Ao meu esposo, Herculy de Brito Inocência, que me apresenta Deus e me faz descobrir o verdadeiro sentido do amor, me apoiando em todos os momentos difíceis. À minha família e especialmente aos meus pais, aos quais foram negados a oportunidade à educação formal e à fruição da literatura, mas que não deixam de transmitir os valores essenciais para o convívio em sociedade.

À minha orientadora, Rosângela Maria Soares de Queiroz, a qual se prontificou para mediar a construção deste trabalho, grande contribuição intelectual e emocional. Visto que, o ser humano é físico e emocional. A sua coparticipação foi essencial para a conclusão, muito obrigada pela dedicação e paciência.

À literatura que me ajuda a entender o mundo, amplia minha visão diante dos problemas da vida, me coloca em outros lugares, me faz conhecer outras culturas e valores, me faz descobrir as minhas qualidades, defeitos e fraquezas.

Aos meus professores da graduação, todos: os da área de língua e de literatura, as críticas que fizeram com relação a minha postura enquanto aluna e pesquisadora, me fizeram amadurecer e crescer enquanto pessoa humana e profissional.

Aos professores que contribuíram de forma muito significativa na minha formação enquanto pessoa crítica e humana: Antonio de Pádua Dias da Silva, Luciano Barbosa Justino Ana Lúcia M. de Souza Neves e Diógenes André Vieira Maciel.

À banca examinadora, que em meio a tantos compromissos e responsabilidades se dispuseram a colaborar para a análise deste trabalho e para a minha formação crítica.

À Lygia Bojunga Nunes, por contribuir para a formação de uma personalidade mais crítica, humana e solidária.

À Universidade Estadual da Paraíba pela contribuição à minha formação profissional